

Estratégias de poder global do eixo anglo-europeu

Lui Martinez Laskowski

Falar de estratégias de poder é falar de formas de administração de recursos, políticas, atos e decisões, na busca pela construção, aumento ou manutenção de capacidades específicas. Estas capacidades não são necessariamente mensuráveis com precisão - a título de exemplo, fazem-se frequentes análises estatísticas simplistas sobre a corrente Guerra da Ucrânia, apresentando uma Rússia que dispõe de cinco vezes mais veículos blindados que a Ucrânia; um quadro que se repete em outras capacidades materiais analisadas¹, sem mencionar que um fator como o número total de ativos militares de determinado tipo é completamente irrelevante num cenário no qual importam capacidades políticas internas, capacidades de crédito e débito, e o mero fato clausewitziano de que a guerra, para a Federação Russa, é limitada, e portanto o preço aceitável por operação e por dia de guerra é reduzido.

Da mesma forma, analisar o poder daquilo que chamaremos de “eixo anglo-europeu”, o amálgama do eixo anglo-americano de poder global e o eixo europeu semi soberano desenvolvido², pode não render resultados satisfatórios se nos limitarmos a analisar capacidades materiais militares e econômicas - é necessário analisar também os aspectos financeiro, de moeda chave, de *soft power*, de rede e multilateral, além de questionar que tipo de capacidade é incorporada no que analisamos como *poder* - se poder material *ex ante*, poder estrutural ou poder relacional *ex post*.

O poder americano é traduzido de diversas formas - ideias, políticas, ideais democráticos e o modelo econômico capitalista. Nesse contexto, o sistema neoliberal - entendido como o conjunto de ideias que sugerem o aumento do bem-estar a partir do aumento de liberdades econômicas, da diminuição de intervenções estatais e da desregulamentação da atividade econômica e financeira - é particularmente relevante, porque é uma expressão de valores da sociedade americana e de alguns países europeus para o resto do mundo. Este neoliberalismo, com o surgimento daquilo que Grabel³ chama de “segunda ordem americana”, na década de 1970, assumiu um papel de senso comum, tendo sido sugerido como o “caminho do mundo”

¹ DEWAN, Angela. *Ukraine and Russia's militaries are David and Goliath. Here's how they compare*. CNN, 25 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://cnn.it/3Nw26nC>. Acesso em 21/05/2022.

² VISENTINI, Paulo Fagundes. *Potências ascendentes, declinantes e estagnadas: desequilíbrio e eixos de poder mundial*. In: Revista Brasileira de Estudos Estratégicos, v.12, n.24. Niterói, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3MztqkC>. Acesso em 21/05/2022.

³ GRABEL, Ilene. *Post-american moments in Contemporary Global Financial Governance*. PERI Working Paper Series, n.511, Amherst, 2021.

no “fim da história”⁴ por autores que certamente se arrependeram de suas certezas após as crises do fim do século.

O segundo grande pilar da estratégia de poder global anglo-europeia é a globalização financeira. Isso se expressa em diversas instituições e relações bilaterais e multilaterais, como na coação das instituições de *Bretton Woods* durante as últimas quatro décadas buscando forçar países devedores a assumirem compromissos neoliberais, na valorização do SWIFT como sistema internacional ocidental de transações interbancárias e no “privilégio exorbitante”⁵ com a qual os EUA contam por serem emissores da moeda-chave do sistema financeiro internacional - ainda que sua capacidade de crédito, por exemplo, seja limitada.

Estes dois pilares exercem e materializam a estratégia de poder global do eixo anglo-europeu de algumas formas. Entre elas, estão o controle indireto de medidas financeiras no Sul global, exercido através de *Bretton Woods*; o poder estrutural que, exercido em instituições multilaterais relevantes, determina o que muda e o que permanece no *formato* da arena na qual os atores competem e cooperam; o privilégio exorbitante da moeda-chave⁶; o controle de fluxos de capital diante da busca pela completa liberdade financeira e econômica, que perpetua as desigualdades econômicas entre países; o enorme *poder de redes*, que mantém os países do eixo numa condição de perpetuação de *legacy advantages* em suas relações internacionais; a globalização financeira, defendida em instituições como a OMC, que amplia o acesso irrestrito de capitais e investimentos internacionais a empresas e ativos nacionais dos países que se juntam aos acordos, em certa medida removendo o poder de decisão dos países nos quais os ativos se localizam; e os ativos militares advindos da superioridade econômica e financeira.

Dito isto, é necessário apontar o relativo declínio da unipolaridade americana e europeia. Os EUA já não dispõem de capacidades significativas de crédito; o crescimento de um neopopulismo nacionalista e do neoconservadorismo americano, o recuo dos EUA de posições de liderança, o Brexit e o *America First* são todos sinais de um possível declínio que é ainda mais significativo no contexto da ascensão eurasiática. Este declínio é lento, e pode não se concretizar - mas é uma hipótese forte que a teoria precisará monitorar de perto.

⁴ Cf. FUKUYAMA, Yoshihiro Francis. *The End of History and the Last Man*. Free Press, 1992.

⁵ EICHENGREEN 2011, 4, apud NORLOFF et al. *Global Monetary Order and the Liberal Order Debate*, *International Studies Perspectives*, n.21, p.109-153. Oxford University Press, Oxford, 2020.

⁶ NORLOFF et al., loc. cit.